

Mitologia Parakanã: o Encontro com a Morte nas Narrativas Oraís dos Índios Parakanã do Sudeste do Pará - Brasil | Rita de Cássia Almeida-Silva | Claudio Emidio-Silva

MITOLOGIA PARAKANÃ: O ENCONTRO COM A MORTE NAS NARRATIVAS ORAIS DOS ÍNDIOS PARAKANÃ DO SUDESTE DO PARÁ – BRASIL

PARAKANA MYTHOLOGY: LYING WITH THE DEATH IN ORAL NARRATIVES OF PARAKANÃ INDIANS OF SOUTHEAST PARÁ – BRAZIL

Rita de Cássia ALMEIDA-SILVA*

Claudio EMIDIO-SILVA**

RESUMO: Este artigo tem por objetivo demonstrar como este povo utiliza a mitologia para reelaborar e compreender os acontecimentos contemporâneos a partir de seus referenciais, considerando o estudo e análise de entrevistas e o conhecimento sobre a mitologia dos Parakanã do sudeste do Pará. Para tanto, utilizaremos os conceitos de Silva (1995) que pontua fatos sobre o registro dos mitos indígenas da América, da psicologia analítica de Jung (1977) que estuda os mitos na construção dos arquétipos universais, e estudos nas áreas de Antropologia e Etnologia (SILVA, 2009; ALMEIDA-SILVA, EMIDIO-SILVA, 2005; FAUSTO, 2001; SANTOS, 1994; SANTOS, 1982; MAGALHÃES, 1985; ARNAUD, 1983; EMIDIO-SILVA, 1998; MILLER, 2001; GOSSO & OTTA, 2003; GOSSO, 1998) que possam corroborar com a discussão. O procedimento metodológico está pautado em entrevistas diretas, com base num prévio conhecimento da mitologia Parakanã, verificando como os fatos são reelaborados ao serem reconstruídos oralmente, intercalando acontecimentos de um passado distante. Preliminarmente, concluiu-se que os mitos colaboram na compreensão desses e que a reelaboração permeada pelos mitos reafirma a identidade Parakanã. A importância deste estudo para os estudos literários é o registro deste processo que possibilita observar a construção da identidade do grupo e a afirmação de sua alteridade.

27

Palavras-chave: Parakanã. Mitologia Parakanã. Narrativas Indígenas. Morte.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate how this people uses mythology to rework comprehended and contemporary events from their reference, considering the study and analysis of interviews and knowledge about the mythology of Parakanã Southeast of Pará. For this, we use the concepts Silva (1995) points out that facts about the registration of indigenous myths of America, the analytical psychology of Jung (1977) studying the myths in the construction of universal archetypes, and studies in Anthropology and Ethnology (SILVA, 2009; ALMEIDA-SILVA, EMIDIO-SILVA, 2005; FAUSTO, 2001; SANTOS, 1994; SANTOS, 1982; MAGALHÃES, 1985; ARNAUD, 1983; EMIDIO-SILVA, 1998; MILLER, 2001; GOSSO & OTTA, 2003; GOSSO, 1998) that may corroborate the discussion. The methodological procedure is guided by direct interviews, based on a prior knowledge of mythology Parakanã, checking how the facts are restated to be reconstructed orally, alternating events of the distant past. Preliminarily, it was concluded that collaborate in understanding these myths and the reworking permeated by myths reaffirms Parakanã identity. The importance of this study for literary studies is the record of this process that allows observing the construction of group identity and the affirmation of its otherness.

* Graduada com Licenciatura em Letras (UFMS) e Mestre em Literatura (UNESP) - Membro do GELPEA-UEPA. E-mail: cassiaalmeida@yahoo.com.br.

** Graduado com licenciatura em Ciências Biológicas (UNESP) e Mestre em Ciências Biológicas (UFPA/MPEG) – Membro do GELPEA-UEPA e do GEPERUAZ-UFPA. E-mail: emidiosilva@yahoo.com.br

Keywords: Parakanã. Mythology Parakanã. Indigenous narratives. Death.

Sobre a mitologia indígena

Silva (1995) pontua alguns fatos sobre o registro dos mitos dos povos indígenas da América. Entre eles está o caso de terem sido coletados desde os primeiros contatos e de serem entendidos como narrativas de caráter religioso que deveriam ser transformados e substituídos pelas crenças dos colonizadores. No decorrer dos séculos, viajantes e pesquisadores modificaram paulatinamente esta visão, o que nos permitiu a oportunidade de encontrar nos registros outras formas de considerar os mitos, entre elas a opção de transmiti-los conforme os falantes os elaboraram, sem adulterá-los ou “corrigi-los” segundo a moral ou ideologia da sociedade envolvente. É sob esta perspectiva que foram realizados os registros das narrativas para este estudo, respeitando ao máximo o ponto de vista dos narradores, especialmente em se tratando de um assunto tão delicado para qualquer cultura como é a morte.

A mitologia de um povo ou de povos com a mesma origem em comum é um dos sinais diacríticos que ajudam a manter a sua unidade, diferenciada dos demais. Mas também, como postula a psicologia analítica de Jung (1977), os mitos podem ser entendidos como narrativas que trabalham com arquétipos que estão presentes no inconsciente coletivo, permitindo que o homem de determinada cultura possa entrar em contato com as emoções e as imagens simbólicas que constituem a própria condição humana que os produziu, o que nos leva, de certo modo, a perceber a igualdade básica do ser humano em seu estar no mundo, graças à diversidade de modos de tratar e expressar esses aspectos da humanidade, considerando os mitos através das diferentes formas com que são narrados, explicados e se explicam, nas diversas culturas de grupos sociais ou povos em diferentes partes do mundo e, no nosso caso, em diferentes partes da América Latina, apontando assim a possibilidade de os mitos e os símbolos do inconsciente tornarem-se a chave para um conhecimento profundo de nossas origens.

Dessa forma podemos sintetizar o seguinte entendimento: somos todos iguais enquanto pertencentes à raça humana, o que deveria minimizar os preconceitos em relação às culturas diferentes com as quais estamos em contato, mas somos todos diferentes enquanto grupo social, etnia ou nação pelo modo como construímos nossa maneira de estar no mundo. É aqui que o mito se apresenta como um dos elementos que

ajudam tanto a nos por em igualdade, enquanto pertencentes a um coletivo humano, e ao mesmo tempo diferentes na maneira de ver e estar no mundo.

Para Silva (1995), que nos ajuda a desvelar os preconceitos em relação a como os mitos das populações indígenas são tratados em nossa sociedade ocidental, há alternativas para a definição do que seria mito nessas sociedades tradicionais:

Uma das maneiras pelas quais especialistas costumam conceber os mitos inclui sua definição como narrativas orais, que contém verdades consideradas fundamentais por um povo (ou grupo social) e que formam um conjunto de histórias dedicadas a contar peripécias de heróis que viveram o início dos tempos (o tempo mítico ou das origens), quando tudo foi criado e o mundo ordenado, e o que se seguiu. O que se enfatiza, desta perspectiva, é o caráter de **narrativas** que os mitos têm. [...] O mito (assim, no singular) pode também ser definido como um nível específico de linguagem, uma maneira especial de pensar e de expressar categorias, conceitos, imagens, noções articuladas em histórias cujos episódios se pode facilmente visualizar. O mito, então, é percebido como uma maneira de exercitar o pensamento e expressar ideias.

Essas definições nos mostram que os mitos dos povos indígenas, por exemplo, guardam importantes informações. Ambas indicam que os mitos ‘dizem’ algo de importante, tanto para o povo que o produziu quanto para todos os que se interessam em compreender um pouco mais sobre a alma humana e a maneira de formular, expressar e ordenar as ideias e imagens pela qual o mito se constitui enquanto discurso que narra a história de/em determinada cultura ou grupo social. E, finalmente, ambas as definições sugerem também uma relação particular entre o mito, o modo de viver e pensar e a história dos povos ou culturas responsáveis por sua existência.

Sobre os Parakanã

Entre os Parakanã do Tocantins os registros de um contato mais profundo constam a partir da abertura da Transamazônica e construção da hidrelétrica de Tucuruí, nas décadas de 70 e 80. Nesse período foram levados para aldeamentos próximos aos rios Bacuri e Pucuruí, no atual município de Novo Repartimento e depois transferidos para as aldeias Paranatinga e Maroxewara, atual Terra Indígena Parakanã, nos anos de 1984 e 1986, devido a formação do lago criado com o barramento do rio Tocantins para implantação da hidrelétrica de Tucuruí.

Os Parakanã são um povo o qual se pode considerar ainda recém-contatado (em 1983 o último grupo Parakanã foi contatado próximo ao igarapé São José, afluente do rio Xingu, e trazido para atual Terra Indígena Parakanã). Alguns artigos, livros e teses têm tentando desvendar o mundo Parakanã ou mostrado a sua forma de viver para a

sociedade nacional nas últimas décadas, nas áreas de antropologia/etnografia (SILVA, 2009; ALMEIDA-SILVA, EMIDIO-SILVA, 2005; FAUSTO, 2001; SANTOS, 1994; SANTOS, 1982; MAGALHÃES, 1985; ARNAUD, 1961 - 1983) ecologia (EMIDIO-SILVA, 1998; MILLER, 2001), psicologia comportamental (GOSSO & OTTA, 2003; GOSSO, 1998), mas muito de sua cultura ainda deve ser estudada para que se possa entender sua maneira de ser e pensar o mundo. Isso se mostra um fator importante para a sobrevivência deles, física e cultural, na medida em que sua população aumenta em uma terra limitada e cercada por áreas de pastagens e agricultura implantadas nos últimos anos.

Em termos gerais os índios Parakanã podem ser descritos como habitantes de florestas de terra firme, de onde retiram seu sustento. Historicamente, os Parakanã habitavam uma grande extensão de terra localizada entre o médio rio Tocantins e o médio rio Xingu, no sudeste do estado do Pará, guerreando com outras etnias e com membros da sociedade envolvente (ARNAUD, 1961). Nas décadas de 70 e 80 foram contatados pelas Frentes de Atração da FUNAI (MAGALHÃES, 1985). Atualmente ocupam a Terra Indígena Parakanã, próxima ao reservatório da hidrelétrica de Tucuruí, localizada à margem esquerda do rio Tocantins, (nos municípios de Itupiranga e Novo Repartimento), microrregião de Marabá e a Terra Indígena Apyterewa, na bacia do rio Xingu, microrregião de Altamira (FAUSTO, 2001). Este trabalho fará referência apenas aos moradores da TI Parakanã (Parakanã do Tocantins).

A comunicação dos índios Parakanã se faz na língua materna - o dialeto Parakanã - pertencente ao tronco Tupi, família Tupi Guaraní, língua Akwáwa (MONTSERRAT, 2005), sendo o português utilizado como segunda língua. Sua autodenominação é *awaete*: *awa* – gente e *ete* – verdadeiro, ou seja, gente de verdade, em contraposição a *akwawa*, que são os seus inimigos, como os Kaiapó e os *toria*, palavra que significa qualquer pessoa da sociedade envolvente.

Desde quando foram contatados até a transferência para os Postos do Serviço de Proteção Indígena, os Parakanã sofreram um grande impacto que reduziu a sua população inicial a menos da metade, devido ao contato realizado de forma indevida. Além disso, foram impostas mudanças nas suas formas culturais e tradicionais de utilização da natureza. Desta forma, passaram de uma condição de caçadores-nômades para uma condição de agricultores-caçadores, vivendo em assentamentos fixos. Entre os impactos impingidos a este povo um dos maiores foi provocado pela construção da hidrelétrica de Tucuruí, quando houve a formação do reservatório que inundou quase

toda a antiga reserva indígena. Com isto o governo foi obrigado a indenizá-los com outra área, a atual Terra Indígena Parakanã, e a ELETRONORTE foi encarregada em manter um programa de compensação que atua diretamente nas aldeias com atividades na área de educação, saúde, produção e proteção ambiental realizado pelo Programa Parakanã, em forma de convênio com a FUNAI.

Muitas sequelas foram deixadas naquele povo, principalmente nos primeiros contatos, como algumas mudanças culturais e sociais, sem contar a gama de conhecimentos perdidos com a morte dos mais velhos, que foram os mais atingidos pelas doenças trazidas pelos não índios. Sua cultura imaterial ainda se mantém, principalmente as pinturas corporais, rituais, cantos e formas tradicionais de utilizar o ambiente a sua volta, presente nas construções e produção de artefatos. Apesar de suas perdas nesses últimos trinta anos a população Parakanã do sudeste do Pará se encontra em franco crescimento, a uma taxa média anual de 5,39% ao ano (Programa Parakanã 2010) distribuída em treze aldeias, ocupando uma área de 350.697,41 ha.

Os Parakanã conseguiram manter e retomar boa parte as suas atividades tradicionais, como danças, músicas, festas, pintura corporal, arte e viver e recontar os seus mitos principalmente devido a possibilidade de habitar em uma terra só deles, efetivamente homologada e demarcada e à manutenção da língua materna. Em cada aldeia sempre a um adulto mais velho que pode ser considerado, em nossos termos um guardião da memória, o *Moroyroa* – velho respeitado, mantenedor da cultura. Nas aldeias quase todas as noites a maioria dos homens se reúne para conversar, sendo que nas aldeias do grupo ocidental as mulheres e crianças também participam, sempre com a presença desse guardião, e quando surge a oportunidade ou a necessidade de exemplificar algum fato, uma história é contada, e assim a cultura se fortalece. Quando estão fora desse espaço específico, denominado de *Tekatawa*, outras pessoas do grupo também podem contar histórias, mas nunca o fazem se houver uma pessoa mais velha presente, e em sinal de respeito dizem que não sabem contar a história, e pedem para que o mais velho o faça. Foi possível também identificar que os mais velhos escolhem um membro do grupo, geralmente do próprio clã, para repassar as histórias, os cantos e demais conhecimentos, entre eles o direito de escolher o nome das crianças que nascem na aldeia, o que ocorre após aproximadamente seis meses após o nascimento e, segundo relatos, sempre se dá por meio de sonhos. Resumidamente, foram essas as observações registradas durante os anos de convivência com esse povo, expondo o que nos é

possível, respeitando a cultura dentro dos limites de um conhecimento do ponto de vista “estrangeiro” e dos limites por eles impostos.

Material e métodos

Nessa pesquisa o método utilizado foi o de entrevistas diretas de pessoas da comunidade, assim que se teve conhecimento do fato ocorrido e dos comentários que surgiram em seguida. Os entrevistados foram convidados a falar sobre os fatos recentes, o que despertava a narração intercalada dos seus mitos, especialmente os relacionados ao mito do owerá (FAUSTO, 2001) que, na concepção Parakanã, seria um espírito, comparando com o que se apresenta na mitologia ocidental. As entrevistas foram registradas em caderno de campo, à medida que o entrevistado discorria sobre o assunto. Como as entrevistas não tinham um direcionamento específico selecionou-se para este trabalho apenas três entrevistas que discorreram sobre o mesmo tema: a morte, ou antes, o prenúncio da morte de algum Awaete conhecido do entrevistado ou a lembrança de um fato semelhante que tenha sido narrado pelos mais velhos nas rodas de conversas que ainda realizam, a *Tekatawa*, para serem posteriormente analisadas.

A seguir serão transcritas as narrativas orais Parakanã sobre a questão de um de seus mitos relacionados a morte:

Narrativa do W. Parakanã

No acidente com o meu irmão mais novo [se refere ao rapaz que bateu de moto com o carro que ia saindo da aldeia] eu tenho uma história muito triste para contar. No dia em que ele morreu fomos todos pegar açaí pela manhã. Havia muita gente na mata pegando açaí. Nós havíamos meu irmão, próximo, pegando açaí. Escorregando pela árvore e debulhando o açaí. Chamamos o nome dele três vezes, mas ninguém respondeu. Depois ele já apareceu no outro lado. Nós falamos para ele que tinha ouvido ele ali próximo. Ele disse que não estava ali não que estava em outro lugar. Fomos ver o local e realmente não havia marcas no local e os cachos de açaí estavam no lugar, no pé. Depois fomos levar o açaí para o caminhão e em seguida voltamos para a aldeia. Já mais tarde meu irmão veio pedir autorização para sair de moto. Eu disse que não era para sair, que não tinha gasolina. Ele ficou zangado, brigou e insistiu em sair de moto. Ele ficou tão chateado que dei a moto e a gasolina para ele. Parece que eu estava adivinhando que algo de ruim iria acontecer. Ele foi pescar com mais dois parentes, todos em cima da moto. Após a pescaria os três voltaram para a aldeia, pela estrada. Todos os três em cima da moto. O carro que vinha saindo da aldeia bateu de frente com eles e meu irmão ficou todo quebrado. Ainda levamos para o hospital de Novo Repartimento, mas no caminho ele morreu. Eu sentia que não era para deixar ele sair de casa naquele dia. Mas fazer o quê... aconteceu assim”.

História coletada na aldeia Paranatinga em janeiro de 2012.

Narrativa do T. Parakanã

O meu pai contava para nós uma história sobre quando a pessoa ia morrer. Mas isso aconteceu mesmo, foi quando a gente morava na mata e não morava no branco com a gente. Eu não tinha nascido ainda mas o meu pai cantou pra mim, depois que fiquei grande. Ele dizia que saiu um dia para caçar, para matar porcão. Ele, o meu sogro e o irmão do meu sogro. Pela manhã procuraram caça: jabuti, veado e caititu. O irmão do meu sogro matou um caititu perto deles. Eles ouviram ele atirar a flecha e bater na perna. O porco gritou e morreu no mesmo lugar. Meu pai e meu sogro estavam perto, não viram, mas ouviram tudo. A caçada continuou e quando o sol já passava do meio dia eles estavam retornando para o lugar de encontro e ouviram novamente o irmão do meu sogro matando outro caititu, igualzinho, igualzinho. Aí os dois foram para o local procuraram e não viram o irmão do meu sogro. Os dois acharam aquilo estranho e observando as marcas no chão viram que só tinha sangue seco e que as marcas eram de muitas horas. Não havia nenhum sinal de que ele tinha matado o porco naquela hora. Então os dois ficaram preocupados. Quando todos se encontraram o meu pai contou a história para o irmão do meu sogro. Ele achou que era bobagem, que não tinha importância. Próximo dali havia um acampamento dos brancos e o irmão do meu sogro queria ir lá pegar alguns facões e ferramentas para ele. E disse que iria. Meu pai e o meu sogro disseram para ele voltar com eles para a aldeia, que era perigoso aparecer no acampamento dos brancos. Ele não aceitou e foi pegar as ferramentas dos brancos. Meu pai e meu sogro foram com ele também. Chegando lá os brancos estavam esperando armados de espingarda em cima de uma árvore. Quando o irmão do meu sogro pegou o primeiro facão, recebeu um tiro no peito e morreu ali mesmo. Meu pai também foi ferido mas escapou com o meu sogro e foram embora para a aldeia. Meu pai falava que quando a gente visse ou houvisse uma pessoa que não estava no lugar a gente não pode deixar essa pessoa ficar sozinha e não deve deixar ela sair da casa ou da aldeia, pois ela pode morrer. Quando esse fato acontece era preciso esperar alguns dias passar para voltar a fazer as atividades normalmente. Essa foi a história que meu pai me contou. História coletada na aldeia Maroxewara em janeiro de 2012.

Narrativa do M. Parakanã

Com o finado Pa'ia Parakanã aconteceu assim, quando todos moravam ainda na aldeia Maroxewara. Um grupo de caçadores saíram para caçar e fazer uma vistoria no nosso pique de demarcação. Depois de andarem o dia todo, no final do dia, pararam para descansar e fazer acampamento com palha de babaçu. O Pa'ia saiu para trazer algumas palhas e madeira para o acampamento. Então, ele chegou e deixou as palhas e a madeira próximo onde outros Awaete estavam fazendo o acampamento e saiu para caçar. Alguns viram ele chegar e sair para caçar, mas não foi todo mundo não. Passado um tempo, alguns Awaete viram ele chegar novamente com as palhas e depois ele sumiu. Mas outros Awaete disseram que ele já tinha deixado as palhas no local e ido caçar. Então todos acharam aquilo muito estranho. Quando ele chegou da caçada todo mundo foi falar com ele sobre o que aconteceu. A mulher dele ficou muito preocupada não queria que ele saísse. Passado uns seis anos ele sofreu um acidente. A arma de um Awaete disparou sem querer e ele levou um tiro no peito e morreu. Nesse dia a mulher dele não queria que ele saísse de casa para caçar. Queria que ele ficasse dentro de casa. Mas ele queria ir caçar. Parece que ela estava adivinhando que ia acontecer aquilo. Acho que tem casos que acontece logo da pessoa morrer e as vezes a pessoa dura mais. Dependendo de seu comportamento. Mas eu acredito que quando acontece um caso desse com a pessoa ela já morreu naquele momento. Ela vive no meio da gente, mas já morreu, você entende? História coletada na aldeia Paranoema em janeiro de 2012.

Considerações Finais

No mito, o texto da lembrança alimenta o texto da ficção, a memória afetiva da infância e da adolescência sustenta a construção narrativa, indicando a importância do narrado na vida do contador, de seus familiares e de sua comunidade, e o papel que todos têm no processo de compreensão das transformações sofridas pelas constantes mudanças impostas, sobretudo, pelo contato com o outro (SANTIAGO, 1982).

A identidade de um povo está profundamente ligada aos seus mitos. Foi cultivando seus mitos que os povos sul-americanos conseguiram se firmar como unidades. Através dos mitos se manifesta a “visão sobre a ordem do mundo” de um povo, devendo o mesmo “corresponder a esta ordem do mundo mediante um determinado comportamento na vida diária” (BREMER, 1995).

A mitologia Parakanã merece um estudo profundo. Podemos perceber isso quando eles relatam suas versões da criação do mundo, da origem do seu povo, dos seres da natureza, fatos de guerras com outros povos e entre si, do surgimento do homem “branco”, entre outros. Talvez por não terem perdido o hábito de passarem seus conhecimentos de pai para filho, muita coisa se mantém tal como era antes do contato, pelo menos em nível de concepção do seu mundo.

Para os Awaete, os mitos não são algo do passado. O *Owera* pode estar ali, dentro da mata, à espreita, presente em seu dia-a-dia. O tempo do mito se confunde com o agora. Não se observa em nenhum momento a existência dos seres míticos apartados dos seres “reais” em uma cultura que se mantém preservada e autêntica.

Nos relatos, os Awaete se depararam com situações em que poderiam morrer e tiveram que lutar por suas vidas – mesmo que em sua imaginação - ou demonstrar coragem. Ao contar para seus iguais este novo episódio, reafirmaram suas identidades. A cada dia a mata, oferece a vida em forma de alimento, seja a caça, os frutos e a água, ou a morte, oculta em perigos reais, principalmente na figura de animais selvagens. O homem se reveste de coragem para esperar dela o melhor ou o pior. Reafirmar sua coragem é se preparar. É, antes de tudo, um ritual. Enfrentar um ser sobrenatural sobrepuja o medo e dá forças para enfrentar os problemas comuns como sendo algo banal, de simples solução.

Apesar da circunstância expôr um fato triste, como a morte de um jovem, não se pode deixar de observar a forma como este povo encara a situação. O fato suscitou a recordação e a narrativa de situações semelhantes, envolvendo inclusive e, principalmente, fatos ocorridos antes mesmo do nascimento da geração atual.

A primeira narração fala de um fato acontecido recentemente com um parente do narrador, no qual ele presencia a manifestação do *owera*, e a morte da pessoa em questão foi quase que imediata ao fato ocorrido. A segunda narração fala de outra situação ocorrida em um passado mais distante, antes mesmo de seu nascimento, e que foi transmitida oralmente por seu pai, também falando da manifestação do *owera* e a morte da pessoa em questão também foi imediata ao fato. Na terceira narração a morte da pessoa em questão ocorreu anos depois, mas com a mesma causa ou prenúncio. Um fato em comum entre as três narrativas é que todos que morreram desobedeceram de alguma forma as regras previstas pelo mito, ou seja, segundo os mais velhos, quando algo dessa natureza ocorre (o prenúncio da morte ou o surgimento do *owera*) a pessoa de quem se trata o fato deve ficar recolhido por uns tempos. Os dois personagens da 1ª e 2ª narração não obedeceram ao que prediz o mito e morreram logo em seguida. Mas uma particularidade que nos trás o terceiro mito é que há uma sensação de que para a pessoa a quem o *owera* se mostra não há mais salvação, ou seja, a morte é inevitável. Em suas palavras o terceiro narrador diz “... eu acredito que quando acontece um caso desses com a pessoa ela já morreu naquele momento. Ela vive no meio da gente, mas já morreu...”.

Para Fausto (2001) o *owera* está ligado a alma Parakanã, representada pelo gambá, e sempre pode causar algum dano as pessoas vivas. “A morte anuncia-se quando a pessoa se vê perseguida pela própria imagem, não mais sombra passiva, mas futuro espectro ativo. Essa assombração antecipa o passamento”.

Embora haja pequenas diferenças nas narrações colhidas, suas explicações e concepções estão muito próximas do que Carlos Fausto (2001) caracteriza como o ***Eu e Meu Duplo*** em seu livro “Inimigos Fiéis: História, guerra e xamanismo na Amazônia”.

Dentro do que foi possível depreender desse contexto, podemos dizer que os mitos expressam, então, a forma deste grupo ser e pensar o desenrolar dos fatos a sua volta, e que a presença dessas narrativas, ainda que pontuais, podem ajudar a manter coesa aquela sociedade que, mesmo com tão pouco tempo de contato, já se vê cercada e pressionada a alterar sua cultura em favor do modo de vida da sociedade não indígena, o que significaria mais um forma de depauperamento das culturas minoritárias e que buscam preservar sua identidade e sua alteridade.

Referências

ALMEIDA-SILVA, Rita C., EMIDIO-SILVA, Claudio. O mito do Akwawa e suas recriações na cultura Parakanã. In: SIMÕES, M. do S. (org.). **Revisitando o Marajó: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação, cultura e biodiversidade**. Belém: NUMA/UFGA, EDUFPA, 2005. p. 141-152.

ARNAUD, Expedito. Breve informação sobre os índios Asuriní e Parakanã; rio Tocantins, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Nova série – Antropologia**, Belém, n.2, p.11- 22. 1961.

_____. Mudanças entre os grupos indígenas Tupi da região do Tocantins-Xingu (Bacia Amazônica). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Nova série – Antropologia**, Belém, n. 84, p.13-27, 1983.

BREMER, M.. Mitos e identidade indígena. **O mensageiro**, n. 95, nov./dez. 1995.

EMIDIO-SILVA, Claudio. **A caça de subsistência praticada pelos Índios Parakanã (Sudeste do Pará): características e sustentabilidade**. 1998. 141 p. Dissertação (Mestrado em ecologia). Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Belém, 1998.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GOSSO, Yumi. **Expressão facial de raiva em duas culturas: o papel dos componentes faciais no seu reconhecimento**. 1998. 55 p. Dissertação (Mestrado em psicologia comportamental). Universidade Federal do Pará, mestrado em psicologia, Belém, 1998.

_____, OTTA, E. 2003. **Parakanã Indian children at play**. Paper presented at the 33rd meeting of Jean Piaget Society, Chicago.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. Os Parakanã. Povos indígenas no Brasil - Sudeste do Pará (Tocantins). **Centro de Documentação e Informação - CEDI**. São Paulo, v. 8, p. 19-51. 1985.

MILLER, Robert Pritchard. **Extractive Forest products and agro forestry on an agricultural frontier: A case study with the Parakanã tribe of the Transamazon region, Pará, Brazil**. 2001. 228 p. Ph D. Dissertation of the University of Florida. Flórida, 2001.

MONTSERRAT, Ruth Maria Fonini. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: CHAUI, Marilena de Souza & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. (Org.). **Índios no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC. p. 93-104. 2005.

PROGRAMA PARAKANÃ. Relatório anual do subprograma de saúde. In: Programa Parakanã. **Relatório Anual**, (relatório não publicado), p. 20-80. Tucuruí. 2010.

SANTIAGO, S. Vale quanto pesa. In: **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 25-40, 1982.

SANTOS, Antônio Carlos Magalhães L. **Os Parakanã**: quando o rumo da estrada e o curso das águas perpassam a vida de um povo. 1982. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Departamento de Antropologia, USP, São Paulo, 1982.

SANTOS, Antônio Carlos Magalhães L. **Os Parakanã. Espaços da socialização e suas articulações simbólicas**. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia), Departamento de Antropologia, USP, São Paulo. 1994.

SILVA, Orlando Sampaio. Os Parakanan. In: SILVA, O. S. **Índios do Tocantins**. Manaus: Editora Valer. Série: Memórias da Amazônia, 2009. p. 103-131.

SILVA, Aracy Lopes da. Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos socioculturais indígenas. Em: SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi Grupioni (orgs.). **A temática indígena na escola – Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. MEC/MARI/UNESCO; Brasília, 1995. p. 317-229.

[Recebido: 10 fev. 2014 / Aceito: 07 jun. 2014]